

PORTUGAIS

Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de « As lunetas não foram apreendidas, ... » jusqu'à « ... a Companhia começou a persegui-los. ».

Sempre ouvi dizer — entre homens, naturalmente — que é difícil entender as mulheres. Mas como as mulheres que antigamente vinham aqui conversar com mamãe também diziam que é difícil entender os homens, parece que o difícil mesmo é uma pessoa entender outra, homem ou mulher. Quando a gente pensa que entendeu, a outra já mudou, ou a gente tinha
5 entendido errado da primeira vez. Minha mãe, por exemplo. Ela agora se preocupava porque meu pai não estava se incomodando mais com a farda. Ela caprichava no ferro, mostrava a túnica passada, ele olhava por alto, ou nem olhava, e dizia que estava bom.

Parecia que os avisos nos muros tinham dado em nada, mas alguma outra coisa devia estar acontecendo. Meu pai nunca foi de falar muito no que se passava na Companhia, e agora
10 falava menos ainda, o que era compreensível depois do susto. Mas ele andava muito preocupado. Em casa ficava o tempo todo fumando um cigarro depois do outro, de vez em quando jogando um punhadinho de bicarbonato na boca para aliviar a ardência da língua. O caderninho antes tratado com tanto carinho não era mais visto, e o trabalho de preencher fichas também parecia encerrado ou suspenso. Meu pai andava murcho, desapontado.

15 Depois de observá-lo por algum tempo calculei que ele tinha ou levado um pito ou sido rebaixado. Fiquei desejando que só isso bastasse para corrigi-lo porque eu já estava meio com pena.

As lunetas não foram apreendidas, e também quase não eram usadas mais. Os urubus já voavam tão baixo, e pousavam tão perto, que luneta ou binóculo até atrapalhava a quem ainda
20 quisesse olhá-los, quando não assustava a gente apontar uma luneta e dar de cara com aquela coisa preta enorme pairando quase que em cima da gente, tão perto que se podia ver a pasta de carne encaroçada que eles têm na base do bico. No fim eles perderam a cerimônia e pousavam nos muros e ficavam nos olhando dentro de nossas casas. Desde o amanhecer ao entardecer eles nos olhavam, ou se catavam, ou cochilavam, aqueles milhares de pontos pretos em cima dos
25 muros; quando eram enxotados voavam preguiçosos, davam uma voltinha e pousavam de novo, mostrando que não tinham intenção de arredar.

Mas a não ser pela quantidade, que assustava, e pela cor, que lembrava luto, os urubus não incomodavam. Havendo descuido das pessoas eles entravam nas cozinhas para furtar comida, o que era compreensível porque nos muros não havia o que comer. A princípio nós os
30 espantávamos a vassouradas, depois fomos amolecendo e facilitando a vida deles, até fingíamos esquecer ossos e pedaços de carne em lugares acessíveis para podermos observá-los e avaliar a inteligência deles.

Com esse tratamento eles foram perdendo o receio e se instalando em nossas casas, pousavam nas janelas ou nas bandeiras das portas, quando ganhavam confiança pulavam para dentro e ficavam rodeando as pessoas, geralmente as mulheres, parece que já tinham notado que elas é que mais lidam com comida. Depois de atendidos e empanturrados se retiravam para um canto, encolhiam-se e dormiam como galinhas. Era uma novidade ver aqueles bichos antes tão malquistos dormindo indefesos por cima dos móveis e às vezes até nas passagens, com risco de serem pisados por pessoas distraídas.

As crianças logo fizeram amizade com eles, quase todo menino (e menina também) tinha um urubu para acompanhá-lo como um cachorrinho até na rua, espontaneamente ou puxado por uma corda presa com laço frouxo no pescoço apenas para indicar a direção. Só a gente mais antiga ainda pensava que urubu era ave maléfica, anunciadora de mortes e desastres, e evitava intimidade com eles; quando uma pessoa idosa via uma pena preta no chão, se benzia e dava volta para não passar por cima. Mas com o tempo todos se acostumaram a viver em intimidade com os urubus, e a cidade inteira sofreu por eles quando a Companhia começou a persegui-los.

Enquanto estivemos entretidos com os urubus outras coisas andaram acontecendo na cidade. A Companhia baixou novas proibições, umas inteiramente bobocas, só pelo prazer de proibir (ninguém podia mais cuspir para cima, nem carregar água em jacá, nem tapar o sol com peneira, como se todo mundo estivesse abusando dessas esquisitices); mas outras bem irritantes, como a de pular muro para cortar caminho, tática que quase todo mundo que não sofria de reumatismo vinha adotando ultimamente, principalmente os meninos. E não confiando na proibição só, nem na força dos castigos, que eram rigorosos, a Companhia ainda mandou fincar cacos de garrafa nos muros. Achei isso um exagero, e comentei o assunto com mamãe. Meu pai ouviu lá do quarto e veio explicar.

José J. VEIGA (1915-1999), *Sombras de reis barbudos*, 1972.